



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-PARFOR
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CLESIANE LEAL SANTOS

MEMORIAL -
INCLUSÃO E EXCLUSÃO: AS REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA DE ANAPU.

CLESIANE LEAL SANTOS

**MEMORIAL -
INCLUSÃO E EXCLUSÃO: AS REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA DE ANAPU.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Dienne Marly de Souza Pontes.

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da
Universidade Federal do Pará**

**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)**

L433i Leal Santos, Clessiane.
Inclusão e Exclusão : as reflexões de uma educadora de Anapu.
/ Clessiane Leal Santos. — 2023.
32 f.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Dienne Marly de Souza
Pontes Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira,
Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. : Educação Inclusiva. 2. Práticas Pedagógicas
. 3. Educação Ribeirinha.. I. Título.

CDD 370

CLESSIANE LEAL SANTOS

**MEMORIAL -
INCLUSÃO E EXCLUSÃO: AS REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA DE ANAPU.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: / /

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Msc. Dienne Marly de Souza Pontes

Orientadora

Avaliador

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força e sabedoria para vencer mais uma etapa da minha vida. À minha família pelo apoio e incentivo e em especial duas grandes amigas Raquel Barbosa e Aneli silva que mim deram muita força para mim cursar essa faculdade .

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, e força de vontade nesses quatro anos. A minha família que mesmo distante de mim sempre mim apoiaram.

Em especial as minhas amadas filhas, Geovana, Thayná e Thais que sempre esteve ao meu lado mim apoiando em tudo.

Aos meus colegas do curso pelo companheirismo pelas parcerias durante todo esse período que passamos juntos.

Agradeço também meu esposo Ademario por ter mim ajudado muito.

A minha orientadora Prof.^a Esp. Dienne Marly de Souza Pontes, pela paciência, dedicação e alegria com que nos conduziu neste trabalho de conclusão de curso. E a todos os professores, colegas docentes, funcionários da UAB, que corroborarão nesta jornada que é o tão sonhado e esperado curso superior.

*“ O senhor e o meu pastor nada mim
faltar ”*

Salmo 23.2

RESUMO

Esta pesquisa aborda a inclusão escolar como um processo social que envolve vários agentes, família, escola e estudantes. Nesse sentido surge o questionamento que mobilizou esta pesquisa: As escolas do município de Anapu promovem a inclusão escolar e social do aluno não perspectiva de que todos tem esse direito? Tracei como objetivo geral conhecer as formas de inclusão escolar e social presentes no contexto escolar. Refletir sobre as práticas dos educadores incluem alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem de ordem social; refletir sobre o processo de inclusão escolar dos alunos da rede de ensino de Anapú. Estarei utilizando como metodologia, uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica e reflexiva. O gênero acadêmico utilizado foi o memorial. As Fundamentações tem como base teórica: Moantoan(2003)Silva et al (2007) Em Freire (1987) e (1996), Hage (2005), Giancaterino (2007) Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, Por fim estarei fazendo minhas considerações sobre as constatações da problemática que norteou esta pesquisa.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Praticas Pedagógicas e Educação Ribeirinha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9 a 11
CAPITULO I: MINHA BASE	12
1.1 Família: meu tudo	12 a 13
CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO E OS FILHOS DE ODILON E MARIA	15
2.1 Odilon e Maria: meus pais	14 a 17
CAPITULO III: O ESTUDO DA ZONA RURAL E DA ZONA URBANA	18
3.1 Ensino fundamental anos iniciais: classe multisseriada	18
3.2 Ensino fundamental anos finais: escola da zona urbana	18 a 19
CAPITULO IV- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	20
4.1 Meu primeiro emprego	20
4.2 Iniciando a carreira docente	20
CAPITULO V- O PARFOR: UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA VIDA	21
5.1 PARFOR: minha realização	21 a 22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23 a 24
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25 a 26

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a inclusão escolar como um processo social que envolve vários agentes, família, escola e estudantes, no sentido real do termo “Incluir”, partindo do entendimento daquilo que as próprias literaturas mostram como uma ação direcionada para todas as pessoas.

Percebe-se que as pessoas costumam condicionar o termo incluir às demandas da educação especial. No entanto, precisamos entendê-la de maneira mais ampla, estendendo-a para todo o público da escola, pois em uma instituição que recebe pessoas com histórias de vida e de realidades diferentes, pensar em inclusão para todos é respeitar as especificidades humanas, posto que a Educação Inclusiva se distingue com uma política de justiça social que alcança todos os alunos inseridos na instituição escolar, fato explícito na Declaração de Salamanca:

O princípio fundamental desta linha de ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de minorias linguística, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavoráveis ou marginalizadas (1994, p. 17- 18).

Verifica-se que a inclusão é na verdade uma provocação, em que pretende-se, através dela, melhorar a qualidade do ensino nas escolas, direcionado a todos que apresentam baixo rendimento escolar (MANTOAN, 2006), que é o princípio da educação inclusiva, que consiste em reconhecer a necessidade de que a escola esteja preparada para atender todos os alunos em suas especificidades. (SALAMANCA, 1994).

A escola se torna inclusiva quando se distingue a diversidade que constitui sua demanda de alunos e responde com eficiência pedagógica a realidade dos educandos. Para responder às necessidades de cada aluno, condição essencial na prática educacional inclusiva, as instituições de ensino precisam se adequar os diferentes elementos curriculares, de forma a atender as peculiaridades de todos os alunos.

Nesse pressuposto, é essencial criar alternativas, adotando estratégias diferenciadas e adequando a ação educativa às maneiras peculiares dos alunos, sempre considerando que o processo de ensino e de aprendizagem implica atender à diversificação de necessidades dos

alunos na escola e contextualizar com a realidade dos mesmos (BRASIL, 1999 apud ARANHA; SILVA, 2005).

De acordo com as literaturas, a inclusão começa a ser pensada de maneira mais efetiva no Brasil a partir da Conferência Mundial de Educação Especial, que ocorreu no ano de 1994, momento em que foi aprovada e proclamada a Declaração de Salamanca. Entretanto até aquele momento ela seria uma política a ser implantada no decorrer dos anos 2000.

Todavia, após 21 anos de Educação Inclusiva, percebe-se que o termo ainda é condicionado apenas aos alunos da educação especial, precisando que o poder público, juntamente com as escolas possam promover ações necessárias para promover a inclusão e o processo de ensino aprendizagem, atendendo assim a todas as crianças em suas especificidades.

Eu, como irmã de uma pessoa que tem uma deficiência física aparente, outra com uma deficiência intelectual sem diagnóstico fechado e que também precisou ser incluída, em vários momentos da trajetória de vida, mas que teve esse direito negado ou mesmo negligenciado, vejo o quanto é importante que pesquisas como esta sejam desenvolvidas, posto que é preciso promover a educação inclusiva escolar e social na prática.

Nesse sentido surge o questionamento que mobilizou esta pesquisa: As escolas do município de Anapu promovem a inclusão escolar e social do aluno não perspectiva de que todos tem esse direito?

Para responder esta problemática, tracei como objetivo geral conhecer as formas de inclusão escolar e social presentes no contexto escolar. Refletir sobre as práticas dos educadores incluem alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem de ordem social; refletir sobre o processo de inclusão escolar dos alunos da rede de ensino de Anapu.

Estarei utilizando como metodologia, uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica e reflexiva, que segundo Gil (2002) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Para tanto, será utilizada uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido.

O gênero acadêmico utilizado foi o memorial é uma espécie de diário, no qual é possível descrever acontecimentos da vida que ficaram na memória, bem como os desafios encontrados ao longo do caminho percorrido em nossa vida acadêmica e profissional, posto

que é um gênero que oportuniza o sujeito a se conectar com os fatos e lembranças e a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos.

Campos (2015) reforça este pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo objeto da pesquisa. Além disso, o memorial possibilita o sujeito a criar uma linha de reflexão traçada entre o passado o presente e as perspectivas para o futuro, podendo assim, refletir sobre os fatos significativos das relações pessoais que possibilitaram seu “crescimento”, tanto como pessoa, quanto como profissional.

As Fundamentações tem como base teórica: Moantoan(2003) para falar de inclusão escolar, Silva et al (2007) trazendo importantes contribuições sobre a educação do campo na região amazônica. Em Freire (1987) e (1996), O autor nos mostra a importância que a educação exerce quando possibilita ao sujeito compreender o contexto em que está inserido, podendo intervir e transformar a realidade em que vivem. Hage (2005) que mostra a realidade da educação do campo. Giancaterino (2007), para falar dos desafios da inclusão escolar de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem de ordem social.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, sendo que no primeiro estarei falando sobre minha família. No segundo, sobre minha trajetória escolar na zona rural. No terceiro abordarei sobre minha trajetória profissional. No quarto capítulo estarei falando da minha entrada para o PARFOR (Programa de Formação de Professores) e a importância do curso na e para minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Por fim estarei fazendo minhas considerações finais sobre as constatações da problemática que norteou esta pesquisa.

CAPITULO I MINHA BASE

1.1 FAMÍLIA: MEU TUDO

Eu, Clessiane Leal Santos, filha de Odilon Batista Leal e Maria Matias de Oliveira, nasci no estado do Pará, no dia 23 de fevereiro de 1983, na cidade de Rondon do Pará, somos uma família humilde e na época em que eu era criança passamos por muita dificuldade.

Meus pais nasceram no estado da Bahia, vieram para a transamazônica em busca de uma vida melhor, trazendo junto com eles oito filhos, sendo quatro da minha mãe e quatro do meu pai porque eram dois viúvos, chegando no Pará em uma cidade chamada Rondon, comprou sua primeira terra, foi quando minha mãe teve mas quatro filhos, e eu sendo a terceira filha por parte de pai e mãe, meus pais são analfabetos, nunca tiveram contato com a escola, porque eram de família também muito pobres e os pais deles priorizaram o ensiná-los a trabalhar para ajudar no sustento da família. Para minha mãe foi ainda mais complicado, pois na época as meninas eram impedidas de aprender a ler e escrever por conta da mentalidade das pessoas de que aprendendo a ler, elas poderiam se comunicar através de cartas com os meninos.

Naquele tempo, a educação não era ofertada para as pessoas que moravam em região do campo, principalmente em locais de difícil acesso, uma vez que meus pais contam que as pessoas que eram alfabetizadas, só conseguiam porque os pais que tinham condições financeiras pra pagar professores particulares e estes os ensinavam na própria casa.

Como é possível perceber, as pessoas que moram no campo enfrentam vários desafios para poder sobreviver, dentre eles gostaria de destacar, a concepção citada anteriormente sobre as mulheres, que durante muito tempo foram impedidas de estudar, me levando a refletir sobre essa forma de exclusão social, criada historicamente na mentalidade de muitos, disseminando a ideia de inferiores e subalternas, servente do marido e de reprodutora de filhos, condicionada aos desmandos de uma sociedade machista.

Ainda nos dias atuais, é comum ver meninas, na verdade crianças de 12, 13 anos de idade, constituem família, fato que pode ter relação com a falta de recursos necessários para sobreviver, agravando-se pela falta de uma educação de qualidade que possibilite manter-se na escola. Assim sem opções, acabam largando os estudos para cuidar de suas próprias famílias.

Portanto hoje compreendo que meus pais não estudaram por falta de oportunidades agravada pela pouca informação de meus avós que também não tiveram acesso a educação. Apesar de crescer de forma humilde, receberam uma educação familiar pautada no respeito as pessoas e na valorização do trabalho honesto e isso eles levaram para a vida e conseguiram passar para nós, os seus filhos.

CAPITULO II EDUCAÇÃO E OS FILHOS DE ODILON E MARIA

2.1 ODILON E MARIA: dificuldade que atravessa gerações

Meus pais mesmo sendo analfabetos, compreenderam que a única forma de transformar a realidade dos filhos era possibilitando que nós estudássemos, pois eles queriam que nossa vida fosse diferente da qual eles foram condicionados a viver.

Passei toda minha infância na zona rural e lá a vida não era nada fácil. Mesmo que meus pais fossem empenhados em nos dar educação, as escolas que haviam por lá eram precárias. Para chegar até lá era preciso caminhar todos os dias cerca de cinco quilômetros, quando finalmente conseguíamos chegar, já cansados, iniciava-se uma nova batalha, a de ter que estudar num barracão coberto de palhas, construída pelos próprios pais de alunos, coberto de lona que cobria somente a parte de cima para nos proteger do sol, o restante era tudo aberto. Dependíamos até do bom tempo para estudar, pois se chovesse tínhamos que voltar para casa porque molhava tudo e não acontecia a aula.

Sobre esses fatos Arroyo (2010), mostra que quanto mais distanciarmos nossas análises sobre fatos que promovem as desigualdades, mais estaremos omitindo o papel do Estado enquanto reprodutor de um sistema desigual. Desta forma, quando condenamos os alunos do campo e suas famílias pelo fato de não concluir os estudos, estamos inocentando o Sistema, o Estado e suas instituições. Estaremos apagando décadas de produção de desigualdades.

A necessidade de que sejam efetivadas as políticas de inclusão escolar, ao povo do campo, posto que as longas distancias percorridas para chegar a escola, bem como as condições do ensino ofertado, são fatores a serem considerados para que possamos ter um ensino diferenciado, tendo um olhar diferenciado por parte do educador. É preciso conscientizar a sociedade do quanto fomos e somos negligenciados pelo sistema, que nos condena e nos condiciona a viver, muitas vezes em condições sub humanas.

Outro fato sobre a exclusão que me chama atenção, é o fato de que minha irmã Suzinelia, que nunca aprendeu a ler e nem escrever, sem ter tido por parte da escola um olhar mais refinado sobre as dificuldades que ela apresentava e a deixaram de lado, até que desistiu e nunca mais voltou a escola. Hoje ela é casada tem filhos.

Sobre esse fato, Moantoan (2003) orienta que, caso um aluno apresente dificuldades para aprender, seja por conta de uma deficiência ou não, as demandas do educando precisa ser

atendida através de adaptações para ele e para todos da turma. Essa observação é relevante para a melhoria da qualidade do trabalho pedagógico, porque o fato de a maioria dos alunos estar se saindo bem não significa que o ensino ministrado atenda às necessidades e possibilidades de todos.

Os demais irmãos não quiseram dar continuidade nos estudos, uns foram ajudar meu na roça outros foram morar em outra cidades, casaram hoje tem suas famílias, nunca nas tiveram contato com a escola.

De acordo com Brandão (2011), quando vamos rever a história do Brasil com relação à educação no campo, percebemos que o processo de exclusão social e política deste povo sempre estiveram presentes em seu cotidiano, sendo tratados por eles, até bem pouco tempo, como “natural”.

Durante muito tempo, via essa atitude como normais, porém as leituras que precisei fazer para construção deste trabalho me fizeram perceber que, apesar de ser um costume da região, essas atividades podem interferir no desempenho escolar . De acordo com Hage:

(...) as condições precárias de vida dos sujeitos do campo impõem a realidade do trabalho infanto-juvenil e em determinadas situações, prejudicam a frequência e aprendizagem na escola, constituindo-se em fatores que se encontram na base do fracasso escolar. (2010, pag.07).

É por conta dessas questões que defendo a inclusão dos sujeitos do campo como demanda de inclusão.

Em minha família, outro exemplo de exclusão escolar e social é meu irmãos que tem Labios Leporinos e com problemas na audição, nunca estudou, pois tais dificuldades, o que prejudicavam a comunicação dele com o professor e os colegas em sala de aula, sem falar os preconceitos encontrados no meio da turma, foi por esses motivos e outros, que levou ele a desistir da escola sentindo se rejeitando.

No Entanto hoje, acredito que meu irmão não deu continuidade nos estudos por conta que naquela época o professor que atuava em sala de aula tinha somente o ensino médio, essa falta de preparo foi o motivo a qual levou ele deixar de aprender junto com os colegas em sala de aula.

Minha mãe na época sem ter onde recorrer, sem ter conhecimento sobre situação achou melhor tirar ele da escola, assim os anos se passaram até hoje nunca foi a uma escola.

Hoje entendo que tudo poderia ser diferente na vida do meu irmão, pois essa má formação labial não o impediria de estudar e aprender. Porém o medo de minha mãe, na tentativa de protegê-lo daquilo que ela sabia que poderia ocorrer, o impediu de desenvolver habilidades que são importantes para o ser humano.

Não posso aqui culpar minha mãe por tal situação, uma vez que seu instinto materno direcionava suas atitudes e suas vivências anteriores trouxeram concepções excludentes, embora ela mesma não compreenda assim, pois vejo que essa “proteção” é resultado daquilo que ela tem como pensamento sobre as pessoas que fogem dos padrões da “normalidade”. Pensamento este que foi historicamente estabelecido nas famílias, visto que durante muito tempo o fato de ter um filho que foge dos padrões estabelecidos pela sociedade era motivo de vergonha e assim, muitas pessoas foram impedidas da convivência com outras por conta de suas deficiências.

As situações citadas no parágrafo anterior vão além do contexto familiar, pois para a escola ainda é um desafio muito grande garantir a inclusão e a permanência do educando na escola, com ensino de qualidade e aprendizagem significativa, posto que se tem como inclusão, somente as adaptações curriculares.

No entanto, para Mantoan (2006) a inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para deficiência e/ou dificuldade de aprender, mas sim permite que educandos aprendam dentro dos seus limites. Neste sentido, os professores precisam conhecer os limites de cada um para explorar convenientemente as possibilidades existentes para um ensino qualidade.

Hoje entendo que a realidade da educação inclusiva ainda é difícil para ser abordada em muitas escolas, uma vez que carrega uma gama de precariedades, entre as quais as estatísticas de pessoas com necessidades especiais que frequentam as escolas, considerando que muitas crianças, adolescentes e adultos apresentam deficiências, mas não apresentam laudos médicos que comprovem.

No geral, para que a educação inclusiva seja de fato inclusiva e de qualidade torna-se essencial a organização e propostas de desenvolvimento e estratégias elaboradas de intervenção que facilitem a implementação desta proposta. Vale destacar, que não existem modelos pedagógicos prontos para educação inclusiva, nem mesmo diretrizes que possam dar conta de uma transformação radical da escola tradicional, mas é primordial que cada escola,

turma, professor, indivíduo dentro de uma instituição possuem suas especificidades e estão inseridos em diferentes realidades.

Mesmo com tantos avanços trazidos pela lei, até hoje ela tem ele como uma criança, nunca deu acesso a ele a nada, hoje ele é um homem de quarenta e oito anos sem sequer conhecer uma nota de um real, por falta de interesse da minha mãe. Por pensar que ele tinha alguma deficiência mental.

Quando ele foi morar na cidade, ela não deixava ele nem um momento sair na rua. Durante um período morei um tempo perto da minha mãe, meu esposo percebeu que ele não tinha nem um problema, vendo que ele era inteligente e começou a ensinar a ele ir comprar coisas no mercadinho e na padaria próximo a casa da minha mãe, mesmo sem ela aceitar. Graças a ele hoje ele melhorou bastante, percebendo hoje se ele tivesse tido a oportunidade de estudar seria uma pessoa com conhecimento como qualquer outra pessoa que teve oportunidade.

CAPITULO III: O ESTUDO DA ZONA RURAL E DA ZONA URBANA

3.1 ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS: classe multisseriada

Iniciei na educação infantil no jardim com oito anos de idade, com o professor Junior, estudei em classes multisseriado até terceira, para mim os meus colegas as dificuldades encontrada na educação básica no campo, era tudo muito difícil sem um atendimento adequado para nós oferecer, uma turma lotada ficava tudo muito difícil o processo de aprendizado. passando despercebido a nossa infância, nosso professor tinha dificuldade em trabalhar e identificar o conhecimento de cada um, portanto eu e meus colegas do campo, vivemos a fase da pré-escola impedidos de viver uma infância sem direito do nosso desenvolvimento adequado, as dificuldades ali não era só minhas mas também de toda a turma que estudava comigo, tinha colegas que também caminhava muitos km para chegar ate a escola, o professor morava 10 km, de distancia da escola, as vezes ele vinha de pé, tinha dias que nós chegava na escola depois de ter andado vários quilometro, por causa da chuva o professor não vinha, pois tinha uma ponte em que a agua passava por cima e ele não podia atravessar, assim era nossa rotina no inverno.

Para não piorar nosso aprendizado as vezes quando o professor não vinha , ele pedia pra um colega da nossa turma, da um livro para nós estudar, assim nós não voltava para casa cedo, quando era tempo de colheitas de arroz alguns alunos precisava sair da escola para ajudar seus pais.

3.2 ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS: escola da zona urbana

Na vicinal onde eu morava as escolas ofertava somente até a quinta série do ensino fundamental. se os pais tivessem interesse que seus filhos prosseguissem com os estudos, teriam que manda-los para outras localidade e isso tinha um custo alto, coisa que a maioria não tinha como pagar.

Sinto-me privilegiada, já que tive a oportunidade de ir para uma cidade chamada Jacundá, morar com minha irmã, tinha apenas treze anos de idade, muito jovem comecei a

enfrentar a vida sozinha em buscar de um estudo melhor. Porém para que isso fosse possível, precisei trabalhar como babá, com o dinheiro que recebia comprava meus materiais escolares.

Nesse momento passei a perceber que as dificuldades financeiras seriam apenas uma entre tantas outras que eu teria que enfrentar, pois eu estava em uma cidade diferente, em uma escola diferente e com classes regulares, ensino regular e as lacunas deixadas pelo período em que estudei no campo tornaram-se ainda maiores, pois eu não conseguia acompanhar a turma, muito menos entender os conteúdos que estavam sendo ministrados.

Mesmo assim continuei a estudar, mas com bastante dificuldade no aprendizado, em 2000 mim casei em 2001 terminei o fundamental em 2002 tive minha primeira filha, mesmo assim dei continuidade ao ensino médio.

Finalização do meu ensino fundamental foi muito difícil pra mim pensava que eu não iria conseguir finalizar, porque nem um momento eu via um professor com um olhar **diferenciado a fazer algo para mim ajudar, mesmo eles percebendo as minhas dificuldades**. Aqui você precisa dar mais detalhes da finalização do ensino fundamental para dar ênfase a falta de um olhar inclusivo.

Conclui o Ensino Médio em outra cidade, em 2004 com muitas dificuldades, pois nesse período já tinha duas filhas, mesmo assim não desistir, devido as mudanças de uma cidade para outra perdi só conseguir terminar o médio em 2006, perdendo dois anos de estudo, em 2007 tive minha outra filha.

CAPITULO IV- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

4.1 MEU PRIMEIRO EMPREGO

Depois de ter concluído o ensino médio, tive a oportunidade de trabalhar em uma escola próxima a minha casa com a função de auxiliar administrativo, tendo a oportunidade de me envolver em uma equipe de bons professores, eram educadores que buscavam cada vez mais conhecimento e faziam a diferença na vida dos alunos.

4.2 INICIANDO A CARREIRA DOCENTE

Meu primeiro trabalho na área da educação foi em 2013, na escola municipal de Ensino Fundamental de seres iniciais de primeiro ao quinto ano, as turmas eram separadas por serie de acordo com a idade, eram doze turmas de primeiro ao quinto ano.

Na instituição trabalhava uma equipe de grandes profissionais, na área da educação a minha experiência foi maravilhosa, pois aprendi muito com aquela equipe, a qual me ajudou nas orientações, já visto que não tinha uma experiência .

Deparar-me diante de uma turma de segundo ano não foi fácil, eram crianças que ainda não era alfabetizada precisei da ajuda da coordenação para orientar-me pois estava, em face de aprendizagem em sala de aula. Graças a contribuição de toda a equipe consegui superar as minhas expectativas e concluir um bom trabalho, beneficiando aos meus alunos as habilidades da leitura e da escrita, levando a aprovação máxima para o ano seguinte, vencendo assim os obstáculos que todo professor encontra em sala de aula no início de sua carreira profissional.

CAPITULO V- O PARFOR: UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA VIDA

5.1 PARFOR: minha realização

Certo dia a diretora da escola me Incentivou a fazer a Inscrição pela PARFOR no meio dos meus irmãos sou a única que estou formando, o sonho do meu pai era ver uma filha formada, O PARFOR é um programa destinado aos professores da educação básica em exercícios na escolas públicas de estaduais e municipais que não tem formação exigida da LDB, que diz para atender as três situações :

A primeira para professores que ainda não tem formação superior (primeira licenciatura);a segunda já para professores formados ,mas que lecionam em área diferente daquela em que se formaram (segunda licenciatura); e terceira para bacharéis sem licenciatura , que necessitam de estudos complementares que os habilitem ao exercício do magistério (BRASIL/,2009).

A inscrição e feita pela secretaria de educação dos municípios por meio de um sistema criado pelo ministério da educação, denominado plataforma Paulo freire , onde o currículo é cadastrado no momento da pré-inscrição dos candidatos e os números de vagas que estão sendo ofertadas pelas INS, essa formação de professores, mas garantindo uma educação de qualidade para nossas crianças.

PARFOR, pra mim foi uma realização de um sonho, que sempre almejei pois quando terminei ensino médio achava que não teria nem uma chance de um dia eu poder cursar uma das melhores universidade do BRASIL, a UFPA , foi quando aconteceu fiz minha inscrição fui selecionada, com passar do tempo fui percebendo que isso tudo era possível . Então meu sonho estava sendo realizado em busca de uma formação de que me proporcionasse mais conhecimento. Em bora estivesse bastante ansiosa com o inicio das aulas sempre mim preocupava se eu ia conseguir ou não, pois lembrava das dificuldades que enfrentei no ensino médio mas continuei enfrente .Na primeira semana parecia estar indo tudo bem, porém quando a professora disse que iremos apresentar seminários , foi como se o céu caísse em minha cabeça, nunca tinha apresentado um seminário antes já que no ensino médio eram só alguns trabalhos .

Meus medos giravam em torno das minhas dificuldades em interpretar textos, piorando pelo fato de ter que se expor na frente a todos os colegas e a professora. Com o

passar do tempo, fui percebendo que as dificuldades não eram só minhas, meus colegas estão ali em igual a condição, e que estavam lutando para supera-las, Foi então que começamos a compartilhar nossos conhecimentos, sendo solidários uns com os outros , pois nosso tempo era curto de mas para estudarmos.

Por fim devo ressaltar que nossos professores foram peças fundamentais, com suas experiências e dedicação ao que fazem, nos instruíram da melhor forma possível alguns mais outros menos, mas posso dizer que todas as disciplinas foram somatórias porém gratificante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando entrei na universidade pelo PARFOR, não sabia da dimensão que era fazer um curso ministrado pela maior Universidade do Estado do Pará, no nosso caso a UFPA (Universidade Federal do Pará), tive muitos professores legais, cada um trazia uma bagagem cultural e acadêmica muito interessante. Escolher um tema para TCC não foi fácil, muitos professores me apresentaram temas fantásticos para serem pesquisados como: a relação família-escola, a distorção idade-série, entre outros.

Entretanto a escolha do tema para esta pesquisa partiu do meu contato com um alunos com necessidades educativas especiais, que me chama atenção pela forma como eles enfrentam a vida, sempre com um sorriso no rosto. Durante praticamente todo o curso de pedagogia, meus interesses sempre se voltaram a Educação Especial. Foi então que participei do curso ministrado por quem mais tarde seria minha orientadora. Foi durante esse curso que aprendi o que os anos de faculdade não me ensinaram, a diferença entre: Educação especial e Educação inclusiva. Ali eu compreendi que existe uma grande preocupação com o aluno que apresenta necessidades educativas especiais, e assim como eu, outros educadores se desdobram para atender suas demandas, esquecendo-se que no restante da turma existem outras crianças “clamando” por igual atenção.

Descobri ainda, no decorrer desta pesquisa que, durante toda a minha vida eu mesma fui e sou essa aluna de quem a partir de agora defenderei os direitos, uma aluna que sempre precisou do olhar atento de um professor . Percebo que ao final desse trabalho, sou eu, que na verdade e a pessoa da inclusão que merecia esse olhar inclusivo, um olhar mas sensível do professor. A vida inteira convivi com a inclusão e a exclusão e necessidade de inclusão, porque vi isso na vida dos meus dois irmãos. Hoje me vejo enquanto pessoa inclusiva.

Vale ressaltar, que não se trata de um processo de reconhecimento que apresente um quadro estático e imutável das características do aluno, como muitas vezes ocorre, mas sim um processo investigativo constante que elucide pontos de convergência e divergência entre as possibilidades dos alunos na vivência de sua necessidade especial, e as necessidades da instituição em promover o efetivo desenvolvimento humano, com vista às representações de que as necessidades especiais são configuradas no clima organizacional, que inclui as resistências pessoais e profissionais e os recursos e materiais adequados, entre outros.

Portanto conclui-se que para a transformação das realidades sociais e educacionais dos alunos e seus professores no processo de inclusão escolar, é urgente incorporarmos dinâmicas e práticas pedagógicas que possibilitem aos sujeitos posicionarem-se, discordarem, concordarem, submeterem-se, dentro de suas reais possibilidades individuais e sociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANACHE, A. A. O Psicólogo Escolar e o Processo de Escolarização de pessoas com deficiência intelectual. In: MARINHO-ARAÚJO C. M. (org.). **Psicologia Escolar: novos cenários e contextos de Pesquisa, Formação e Prática**. São Paulo: Alinea, 2009. (pp.221 – 243).

ARAUJO, J. P.; SCHMIDT, A. A inclusão de pessoas com necessidades especiais no trabalho: a visão de empresas e de instituições educacionais especiais na cidade de Curitiba.

p.000636

Revista Brasileira Educação Especial. v.12, n.2, ISSN 1413-6538. Ago. 2006, (pp. 241 – 254).

BARROS, M. E. B. Procurando outros paradigmas para a educação. Em *Educação e Sociedade*, v. 21, n72, agosto, 2000.

BERGER, P. L.; LUCKMANN. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. 247p.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Inclusão**. 2008. Ministério da Educação. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 20 fev.

2009.

CANDAU, V. M. Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola. In: CANDAU, V. M. **Reinventar a escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (pp. 11 – 16).

DUSCHATZKY, S, SKILAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. Em Larrosa, J. e Skilar C. (orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Trad. Semiranis G. Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp.88 – 107.

GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. Em: N. Alves e R. Garcia Leite (org). **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&^a, 1999. pp 17 – 43.

GLAT, R. Inclusão total: mais uma utopia? *Revista Integração*. Brasília: MEC/SEESP, ano 8, n. 20, 1991. (pp. 26 – 28).

GUARESCHI, P. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. Em Arruda Angela (org). **Representando a alteridade**. Petropolis: Vozes, 1998. pp. 149-161.

HERNANDEZ, O. D. Subjetividade e Complexidade: processos de construção e Transformação Individual e Social. In: GONZALEZ REY, F. (org.). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005. (pp. 81 – 108).

JODELET, D. Os Processos Psicossociais da Exclusão. Em Sawaia Bader (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petropolis: Vozes, 2002. pp. 53-66.

JOVCHELOVITCH, S. Re (des) cobrindo o outro – Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. Em Arruda Angela (org). **Representando a alteridade**. Petropolis: Vozes, 1998. pp. 69-82.

MAGALHÃES, B. Revisitando o sujeito em análise do discurso. Em *Anais do II Congresso Internacional da Abralin*, março/2001. Online: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_com2.

Acessado em 15 de maio de 2004.